



Guia para educadores



# Conheça o MAC-PR

O Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR) foi fundado em 1970 com a finalidade de estimular e divulgar a criação artística contemporânea, além de abrigar e preservar um acervo de arte com cerca de 1.800 obras pertencente ao Estado. Desde então, realiza mostras do acervo e exposições individuais e coletivas de artistas contemporâneos.

Sua sede própria, um prédio de estilo eclético construído em 1928 e tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, está passando por obras de restauro e reforma. Durante este período, o MAC-PR está funcionando nas dependências do Museu Oscar Niemeyer (MON).

As exposições e eventos do MAC-PR ocorrem nas salas 8 e 9 do MON; o Setor de Documentação e Pesquisa, aberto para atendimento ao pesquisador de arte, está funcionando ao lado da sala 10, no subsolo.

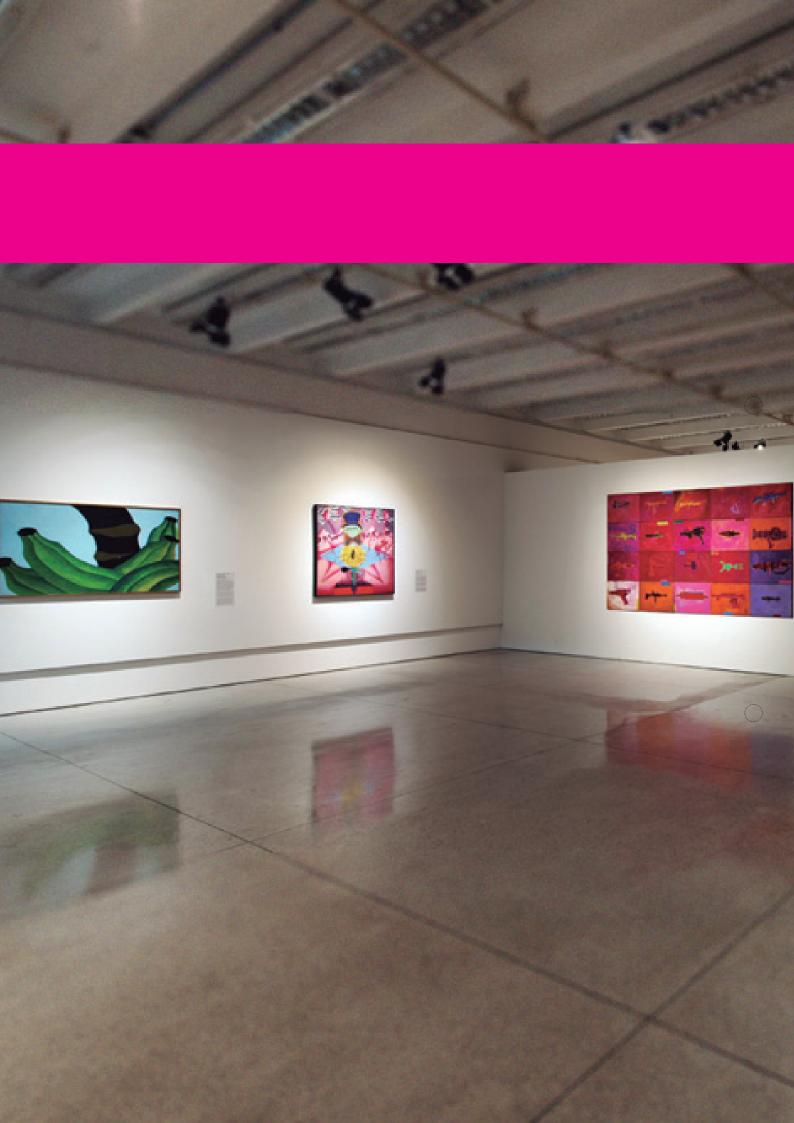
O material que disponibilizamos aqui tem o objetivo de ajudar você, educador, a realizar um trabalho completo com sua turma sobre a visita ao museu.

# Como utilizar este material

Aqui estão reunidos informações sobre a exposição "Pequenos gestos: memórias disruptivas", algumas sugestões de como introduzir sua turma à experiência e ainda alguns caminhos para retomar na sala de aula os temas e discussões trabalhados durante a visita mediada, estimulando também a ação criativa da turma.

Neste material não determinamos uma faixa etária para a aplicação das questões disparadoras e das atividades – cabe ao professor traduzir as reflexões propostas aqui à dinâmica própria de cada turma, seja por meio da adaptação da linguagem ou do assunto, da escolha de materiais ou de conexões com outras matérias e conteúdos trabalhados anteriormente.

Deste modo, as atividades podem ser realizadas individual ou coletivamente, e a elas serem acrescentadas outras ideias que estejam alinhadas ao trabalho pedagógico desenvolvido por cada um. Fique livre para fazer um *remix* deste material!





# **■** Índice

requeitos gestos. memorias disruptivas	U
Gestos alegóricos	7
Jorge Carlos Sade	8
Plínio César Bernhardt	9
Antonio Henrique Amaral	10
Danúbio Gonçalves	11
Glauco Menta	12
Dulce Osinski	13
ATIVIDADE	14
Gestos contranarrativos	15
Dulce Osinski	16
Rogério Ghomes	17
Estevão Machado	18
Aprígio e Frederico Fonseca	19
Vilmar Nascimento	20
Beto Shwafaty	21
Marcelo Conrado	22
Jorge Francisco Soto	23
Carla Vendrami	24
ATIVIDADE	25
Gestos ecopolíticos	26
Eduardo Freitas	27
Vera Rodrigues	28
Liz Szczepanski	29
German Lorca	30
Vera Chaves Barcellos	31
Alice Yamamura	32
ATIVIDADE	33
Glossário	34
Ocupe o MAC-PR	35

# Pequenos gestos: memórias disruptivas

No texto "Por uma ontologia e uma política do gesto" o filósofo italiano Giorgio Agamben reivindica para o gesto um lugar entre o fazer (poiesis) e o agir (práxis), sugerindo que a ética e a política não estariam na esfera da ação, mas sim do gesto. De acordo com o filósofo, para compreendermos a natureza política do gesto seria decisivo pensá-lo como o momento da interrupção e suspensão de uma sucessão cronológica. Dessa perspectiva, o gesto, enquanto um espaço destituído da dualidade dos fins e meios, é inesgotável... precede, rememora e sucede a ação. Nos dias atuais, diante da crise de legitimidade e legalidade dos meios e fins da política, olhar para os gestos de artistas dessa perspectiva é pensar como esses gestos em suas relações, potências e possibilidades se conservam no ato e vice-versa.

É justamente essa relação que a exposição "Pequenos gestos: memórias disruptivas" buscou enfocar. Resultado de pesquisas realizadas em um acervo constituído por mais de 1.800 obras, a exposição se estrutura em núcleos temáticos que enfocam três tipos recorrentes de gesto: alegórico, contranarrativo e ecopolítico. Em cada um desses conjuntos é possível perceber gestos que interrompem narrativas que normalizam e naturalizam opressões e violências na constituição de uma identidade nacional; de uma modernidade regional no sul global e nos destinos da natureza no antropoceno. Esses gestos, ao revolverem, interromperem e desmantelarem memórias estruturantes ativam e interconectam duas temporalidades: passado/ presente. E, muito embora não se proponham a transformar uma dada realidade, ecoam discursos potentes e disruptivos demonstrando não só a atualidade e validade desses pequenos gestos, mas também a potência da arte nas disputas de narrativas e na construção de futuros possíveis.

Fabrícia Jordão I Curadora

# Gestos alegóricos

As obras deste núcleo nos ajudam a perceber como artistas problematizaram a criação de uma identidade nacional e latino-americana. Por meio de procedimentos alegóricos baseados na estética tropi-pop-camp-clichê, explicitaram estereótipos e colonialismos ainda hoje presentes nas noções de brasilidade. Também evidenciam como essa identidade, erguida a partir de uma estrutura patriarcal, normaliza e naturaliza argumentos opressivos sobre inferioridade racial e diferenças de gênero fundamentadas no determinismo biológico.

#### Fabrícia Jordão

## Você considera o Brasil um país exótico?

A imagem do Brasil como um país excêntrico e tropical vem sendo construída desde o início da colonização. Mesmo na busca de uma identidade originalmente brasileira, reproduzimos estereótipos e somos influenciados por práticas colonizadoras, ainda nos dias atuais.

Exótico, em sua definição etimológica, é aquilo que é esquisito, que não é comum ou que expressa extravagância.

Por que você acha que esse conceito é utilizado para definir nosso país?

## **JORGE CARLOS SADE**

Curitiba, PR, 1927-2013

#### Sobre seu trabalho

Foi um artista, crítico de arte e galerista curitibano. Fundou a galeria Acaiaca em 1972, que movimentou o circuito artístico na cidade até 2006. Seus trabalhos com pintura marcaram presença em diversos salões nacionais, por sua audaciosa liberdade de expressão. O trabalho "Fé na Crise e Pau na Gente" (1984) reflete a irreverência e críticas ácidas inerentes a suas obras e textos críticos.





## PLÍNIO CÉSAR BERNHARDT

Cachoeira do Sul, RS, 1927 Porto Alegre, RS, 2004

#### Sobre seu trabalho

Pintor, gravador, desenhista e professor. O artista se envolveu com os projetos realistas dos clubes de gravura, ganhou prêmios em salões e, a partir daí, sua sensibilidade voltou-se para composições de cunho fantástico e onírico, com talento especial para as possibilidades da figura humana.

Na pintura "Rótulo 104-B" (1972) Bernhardt traz influências barrocas à representação de um rótulo supostamente brasileiro, de um produto para exportação.





## **ANTONIO HENRIQUE AMARAL**

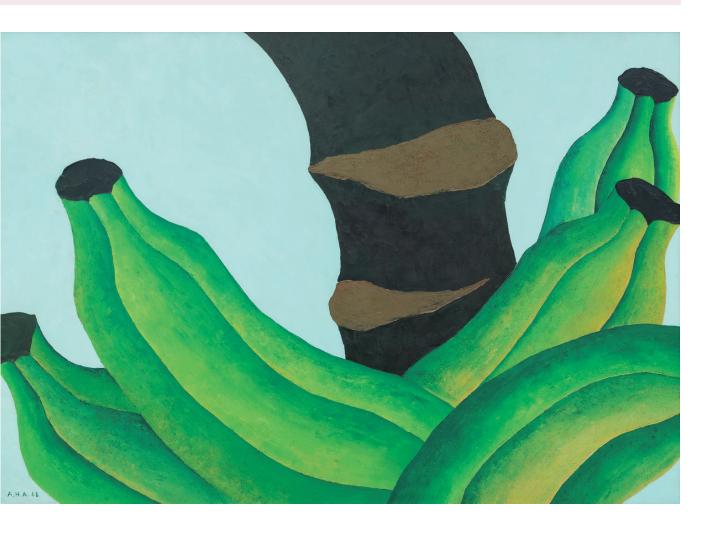
São Paulo, SP, 1935-2015

#### Sobre seu trabalho

Pintor, gravador e desenhista. No início da carreira realiza desenhos e gravuras que se aproximam do surrealismo. A partir da metade da década de 1960, sua produção passa a incorporar a temática social, elementos da gravura popular e da cultura de massa, aproximando-se também da arte pop.

"Na época em que Amaral pintou as bananas, elas se tornaram um símbolo explícito para o indivíduo submetido às arbitrariedades, aparecendo amarradas e penduradas por cordas, ou agredidas e perfuradas por garfos e outros instrumentos contundentes."

Olívio Tavares de Araújo, 1992





## **DANÚBIO GONÇALVES**

Bagé, RS, 1925 Porto Alegre, RS, 2019

#### Sobre seu trabalho

Gravador, desenhista, pintor e professor. Sua atividade artística e seu engajamento político são indissociáveis. Durante os anos 1950 e 1960, defende uma arte regional, próxima ao realismo socialista. Nos anos seguintes, é influenciado pela arte pop e por temáticas políticas decorrentes do momento histórico dos anos 1970 no Brasil. Em "Realmente" (1973), a cafonália – cafonismo e tropicalismo – é o tema. O artista aponta a comunicação de massa da época e a linguagem *kitsch* da mídia brasileira.



## **GLAUCO MENTA**

#### Curitiba, PR, 1965

Vive e trabalha em Curitiba, PR

#### Sobre seu trabalho

Glauco Menta se classifica como serígrafo e explica que em seu processo artístico seleciona de forma aleatória imagens de revistas e periódicos, e trabalha com as fotocópias destas imagens. Na série "Carmen", o artista tinha como objetivo homenagear a figura de Carmen Miranda e, por meio da apropriação de sua imagem, reforçar o mito cultural brasileiro.





#### **DULCE OSINSKI**

Irati, PR, 1962 Vive e trabalha em Curitiba, PR

#### Sobre seu trabalho

Pintora, desenhista, gravadora e professora. Seus trabalhos da série "Catálogos" exploram a representação de objetos que estão inseridos no mercado e questionam a aceitação alienada desses objetos por parte do consumidor. Sobre "Brinquedos de meninas" (2004), Osinski explica: "representados em nuances cromáticos rosas, violetas, laranjas e lilases, as pistolas, os revólveres e as metralhadoras aparecem falsamente adocicados e mesmo sensualizados pela fatura pictórica, fazendo ao mesmo tempo referência a uma violência da qual elas com frequência são vítimas, mas que também lhes é inerente, porque humana".



# Atividade

Após uma breve análise sobre o conjunto de obras deste núcleo, instigue um debate entre os estudantes da turma. Questione: quais são os ícones que representam o Brasil na atualidade? Quais são as pessoas, as músicas que nos representam?

Peça para cada estudante fazer uma colagem com imagens de revistas, jornais etc., de modo a criar sua própria alegoria da cultura brasileira atual.

Depois, cada estudante pode explicar a leitura que fez a respeito da cultura brasileira atual. Educador: questione as influências estrangeiras nos símbolos apresentados.

Alegoria é uma figura de linguagem ou interpretação que consiste em representar pensamentos e ideias de forma figurativa.

# Gestos contranarrativos

Este núcleo nos ajuda a perceber como artistas contestaram processos implicados na ideia de uma modernidade e integração regional no sul global. Nesse sentido, a visualidade retro-futuristadecadente de Marcelo Conrado nos alerta para as falácias de uma memória permanentemente capitalizada acerca da grandiosidade do projeto moderno brasileiro. Os mapeamentos contracartográficos de Carla Vendrami e os procedimentos contra-arqueológicos de Beto Shwafaty e Jorge Francisco Soto evidenciam violências e dependências calcadas em estratégias geopolíticas colonizadoras.

Por outro lado, o agenciamento da morte simbólica do artista; a transposição de grafias vernaculares das calçadas para o mundo da arte; a explicitação de corpos reservados para lidar com a outra face do progresso; a reivindicação de uma forma artística para a ancestralidade de Oxalufan nos alertam sobre as resistências à dependência cultural. Além das insuficiências de uma modernidade artística pautada em cânones eurocêntricos e na colonialidade do saber.

Fabrícia Jordão

## Você acredita que existe uma única versão da história?

Este núcleo é pautado no questionamento da supremacia de uma verdade sobre as demais; as obras apontam formas de resistência a práticas eurocentradas. Contestando os padrões e reinventando saberes que divergem da regra.

Quem conta a história interfere na narrativa? Que histórias os artistas estão contando por meio das obras?



## **DULCE OSINSKI**

Irati, PR, 1962

Vive e trabalha em Curitiba, PR

#### Sobre seu trabalho

Pintora, desenhista, gravadora e professora. Seus trabalhos da série "Catálogos" exploram a representação de objetos que estão inseridos no mercado e questionam a aceitação alienada destes objetos por parte do consumidor. Os "Brinquedos de meninos" (2004), segundo Osinski, representam "vetores da morte. Armas de fogo são também objetos de desejo, símbolos da masculinidade estereotipada: monocromática, árida, metálica. Brinquedos de montar e de matar, servem ao dúbio e contraditório discurso que justapõe defesa e agressão. A cada um, o modelo que lhe convêm."





## **ROGÉRIO GHOMES**

## Ponta Grossa, PR, 1966

Vive e trabalha em Londrina, PR

#### Sobre seu trabalho

Artista visual e pesquisador nas áreas das artes visuais e design. O "Projeto B.O." (2002) foi realizado na residência artística de Faxinal das Artes, como uma atitude política direcionada ao sistema das artes. O artista recebe um modelo do Boletim de Ocorrência da cidade local e planeja os assassinatos simbólicos de seus colegas artistas presentes no evento, desenhando suas silhuetas nos madeirites. Sua ação foca a realização de uma grande fotografia ambiental, a partir da gravação pela luz dos corpos recortados das vítimas na grama.

"Em contraste com outros trabalhos do artista, neste, a morte é apresentada com certo sarcasmo, solução estratégica de um artista consciente das limitações impostas para quem vive fora do badalado eixo artístico Rio-São Paulo."

Cauê Alves, 2004





## **ESTEVÃO MACHADO**

#### Belo Horizonte, MG, 1959

Vive e trabalha em Belo Horizonte, MG

#### Sobre seu trabalho

É formado pela Fundação Universidade Mineira de Arte (atual Universidade do Estado de Minas Gerais) e se especializou em gravura em metal pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A pintura "SLU" (2006) faz parte do projeto "Você está aqui?", no qual o artista aborda "questões acerca da realidade urbana relacionadas com a identidade brasileira: quem somos nós, somos ricos, somos belos? Qual é nossa cor, quem fala inglês, quando chega o ônibus? Que horizonte é possível, dentro de uma paisagem opressora e pulsante? Na sobreposição de informações, em meio a delírios da luz, saturação de cor e cinza, uma pergunta: cadê o céu?"





## **APRÍGIO** E FREDERICO FONSECA

## Recife, PE, 1954 e 1956

Vivem e trabalham em São Paulo, SP e Olinda, PE

#### Sobre seus trabalhos

Os irmãos Aprígio e Frederico Fonseca trabalham com pintura, desenho e gravura. Em suas produções abordam temáticas e elementos urbanos. Na série "Das Calçadas de Olinda" (1978), recriam em monotipias os desenhos e grafismos dos muros e calçadas de Olinda.

"(...) quando viemos morar em São Paulo e percebemos a ausência de inscrições nas calçadas, lembramos das inúmeras que estávamos acostumados a ver e a fazer em Olinda. Resolvemos, então, retornar a Olinda para pesquisar as inscrições e estudar uma maneira de documentá-las, não apenas fielmente, com fotografias, mas por meio de um processo rudimentar e manual. Decidimos usá-las como matriz e imprimimos diretamente no chão."

Aprígio Fonseca, 2019





## **VILMAR NASCIMENTO**

Curitiba, PR, 1955 Vive e trabalha em Curitiba, PR

#### Sobre seu trabalho

Estudou no ateliê de artes plásticas do Teatro de Bolso com o professor Nelson Luz e fez pesquisas com materiais reciclados da natureza coletados de Curitiba ao litoral nos anos 1970. Dentro de seu processo, procura criar situações a partir de materiais naturais que utiliza como suporte. O trabalho "Ota-Oxalufan" (1984) relaciona-se às religiões de matrizes africanas, recupera a figura do orixá Ota-Oxalufan, enaltecendo uma ancestralidade e tradição que não são contempladas pelas narrativas eurocêntricas. A ausência desse debate na crítica de arte é sintomática de um racismo estrutural ainda presente.







#### **BETO SHWAFATY**

São Paulo, SP, 1977

Vive e trabalha em Campinas, SP

#### Sobre seu trabalho

É artista e pesquisador, esteve envolvido com práticas coletivas, curatoriais e espaciais desde o início da década de 2000. A obra "Aculturação (não) é integração I (Vale do Rio Doce/Mariana)" (2015) aborda a dialética entre a produção manual e o desenvolvimento de obras monumentais. A pintura alude a logomarcas de grandes empresas estatais, que operam na exploração de recursos naturais a favor do crescimento industrial.

A instalação "O Museu Impossível das Coisas Vivas" (2014) reúne objetos e imagens que remetem à situação política, cultural e territorial após a disputa marítima chileno-peruana, que resultou em quase 300 milhões de terras não reivindicadas. Juntamente com cada elemento da instalação estão "rótulos de museu" com detalhes factuais e fictícios sobre os elementos apresentados. Dessa forma, o artista constrói uma arqueologia hipotética em torno de uma situação real.







## **MARCELO CONRADO**

Prudentópolis, PR, 1976

Vive e trabalha em Curitiba, PR

#### Sobre seu trabalho

O artista visual é doutor em Direito das Relações Sociais, e por meio de seu trabalho questiona a autoria na arte. Em "Prefiro a Decadência à Modernidade" (2016), ele se apropria de uma fotografia disponível em um banco de imagens e sobrepõe frases retiradas de pichações, redes sociais ou conversas casuais. Nas palavras do próprio artista: "do duplo anonimato, imagem e texto, o artista reivindicou a autoria. O diálogo que se estabelece na imagem/texto remete a uma oportuna instigação: estamos diante da decadência da modernidade?"





## **JORGE FRANCISCO SOTO**

#### Montevidéu, Uruguai, 1960



#### Sobre seu trabalho

Artista, professor e designer gráfico, Soto trabalha com o imaginário ocorrido com o navio de guerra nazista Graf Spee, na costa do Uruguai. O navio foi afundado pelo seu próprio capitão, em um dos mais notáveis episódios do início da Segunda Guerra Mundial, ocorrido dias após a sucessão de um combate naval com navios britânicos, próximo à desembocadura do Rio da Prata. O vídeo exibe uma montagem lenta e gradual de fotos reais do afundamento, com um som monocórdio dos motores do navio em agonia.









#### CARLA VENDRAMI

Ponta Grossa, PR, 1962 Curitiba, PR, 2009

#### Sobre seu trabalho

Estudou Pintura na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, e História da Arte e Pintura na Accademia di Belle Arti di Brera, na Itália, com Luciano Fabro, artista expoente da arte póvera. Sobre a obra "Mapa" (1994), a artista explica: "Eu comecei a pensar no mapa como se ele fosse um quadro. De qualquer forma, um mapa não é uma representação real — quanto maior a área representada, mais deformação ela vai dar (...). Recortando assim, você tem mais ideia do volume e o recorte do mapa mostra não só a distribuição de massas de água e terra, mas também o valor político". Ao inverter os polos, a artista questiona a forma como nossas cartografias são formuladas sob um eixo central que parte do território europeu.



# Atividade

Converse com os alunos sobre as narrativas questionadas pelos artistas deste grupo: sobre os objetos bélicos de Dulce Osinski, que questiona o consumo destes brinquedos; sobre como o trabalho de Carla Vendrami questiona a forma como o mundo foi mapeado, a partir de uma centralidade europeia; e como "Ota-Oxalufan", de Vilmar Nascimento, nos faz questionar a invisibilidade social dos conhecimentos e religiões afrocentrados.

Diante desses debates, proponha a reflexão sobre quais narrativas socialmente estabelecidas eles gostariam de questionar; sobre como poderiam recontar uma história que foi imposta.

Para a atividade, cada aluno deve montar um GIF. As imagens escolhidas devem traçar uma narrativa rápida, que questione algo já estabelecido socialmente. Depois, os estudantes mostram seu GIF e explicam a contra-história proposta e o questionamento que buscam despertar com o trabalho.

#### Como fazer um GIF:

- Baixe um aplicativo para esta função no seu celular (GifMaker, GifCam, Google Fotos etc);
- Ordene as fotos, segundo sua narrativa (fotografias feitas pelo estudante ou tiradas da internet);
- Determine o tempo que as fotos irão aparecer;
- Salve em formato gif. e está pronto.

# Gestos ecopolíticos

Neste núcleo reunimos obras que discutem a relação entre arte e os destinos da natureza no antropoceno. A visualidade distópica a um sistema sustentado na lógica de crescimento econômico e consumo ilimitados pode ser observada na taxonomia contracientífica dos seres sintéticos feita por Eduardo Freitas. Essa relação antagonista entre o projeto antropoceno e a natureza assume uma centralidade na experimentação fotosserigráfica Ciclo, de Vera Chaves Barcellos. Já os sambaquis de Vera Rodrigues, as vasilhas de Yamamura e os modos de convívio dos povos litorâneos de Szczepanski relativizam noções evolucionistas de civilização, e desestabilizam hierarquias entre arte/artesanato. Desse modo, é possível perceber como artistas nos contam sobre uma visualidade crítica ao imperativo cultural e com cosmovisões oriundas de contextos culturais do sul.

Fabrícia Jordão

## Será que a existência humana afeta a natureza? E a natureza, como nos afeta?

Com a globalização, o advento da industrialização dos produtos e o aumento do consumo, o ser humano passa a interferir nos fluxos de matéria e energia naturais do planeta. Os trabalhos desse núcleo instigam debates sobre a convivência entre homem e natureza, buscando harmonia entre eles.

Você percebe o impacto do seu consumo na natureza?



### **EDUARDO FREITAS**

## Ponta Grossa, PR, 1990

Vive e trabalha em Évora, Portugal

#### Sobre seu trabalho

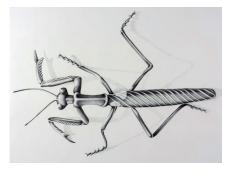
Bacharel em Escultura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, traça em seu trabalho investigações sobre objetos comuns e brinca com a ilusão realista nas figurações que cria. Em "Espécies ameaçadas de extinção" (2014), coleta insetos de plástico e os apresenta de forma científica.

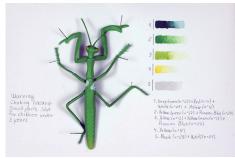
"Nos cuidadosos desenhos destes insetos de brinquedo em escala expandida a sua artificialidade é evidenciada, revelando as rebarbas do plástico, os grosseiros encaixes das partes, a textura artificial e homogênea dos materiais industriais **n** mas algo da sua inquietante proximidade com o real ainda permanece, seja porque o artista os apresenta como objetos naturais e dignos de estudo, seja porque somos vítimas da ilusão figurativa, que se impõe à nossa percepção 'natural' do mundo."

Fabrício Vaz Nunes, 2019











#### **VERA RODRIGUES**

Lençóis Paulista, SP, 1954 São Paulo,1997

#### Sobre seu trabalho

Formada pela Faap em 1977, trabalha com desenho, pintura e gravura. Foi professora de desenho e pintura, consultora de artes visuais em editoras e ilustradora de livros infantis. Em "Sambaqui" (1991), a artista alude a estes depósitos de materiais orgânicos, nos quais arqueólogos trabalham a fim de desvendar histórias e civilizações passadas.

"Sob comando firme, os golpes repetem-se compondo na superfície espessa uma escritura feita de sulcos a punções. O avanço dos impactos vai resultando na geometria equilibrada das formas, que nada mais são que uma escala de minúsculas destruições. Daí resultam relevos, acidentes na pele sulcada como num campo de lavra. Vera Rodrigues tem receita certa para esta lavoura: juntar camadas de papel para que engrossem, eriçar a superfície com pigmento, então gravar sobre elas seu alfabeto crispado de perfurações e rebarbas."

Antonio Fernando de Franceschi, 1996





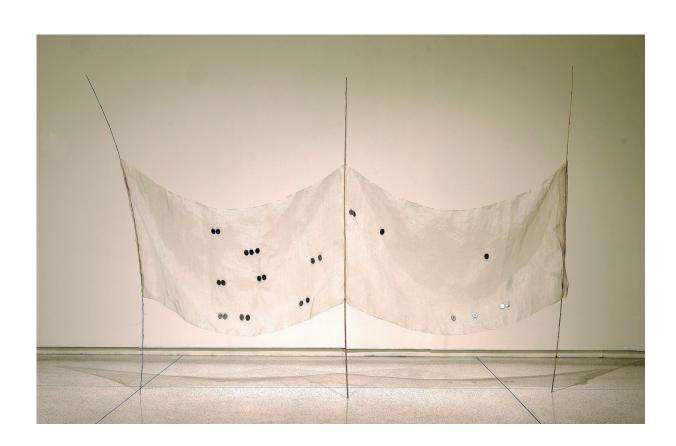
## LIZ SZCZEPANSKI

Campo Largo, PR, 1946 Vive e traballha em Antonina, PR

#### Sobre seu trabalho

Artista plástica, cenógrafa, figurinista, arteeducadora e pesquisadora. A produção artística
de Liz Szczepanski tem referências na land-art
e arte-processo. Compõe simbologias concebidas
de forma intuitiva no trabalho "Ideogramas
Reflexivos do Litoral do Paraná" (sem data).
Essa simbologia é fruto de uma pesquisa de
convivência com pescadores no litoral paranaense.
"Lizete consegue estabelecer uma original
iconografia centrada em torno de um ideograma
gráfico que pode, aparentemente, nos remeter
às runas, mas que é em realidade muito pessoal,
recordando ideogramas indígenas, tanto nos
símbolos quanto na cor."

Adalice Araújo





#### **GERMAN LORCA**

São Paulo, SP, 1922

Vive e trabalha em São Paulo, SP

#### Sobre seu trabalho

Fotógrafo autodidata, participou do Cine Clube Bandeirante, onde ficou conhecido por trazer modernidade à fotografia. Faz experimentalismos com técnicas fotográficas,

traz para seus trabalhos efeitos de contraluz, brinca com geometrias, com as solarizações, espelhos e reflexos.

"Seu olhar é voraz e em suas imagens o corriqueiro desfila com extrema liberdade. Ao desvelarem o insólito que povoa o nosso cotidiano, estas fotos nos remetem ao universo surrealista. Por meio da fotografia o surrealismo abandona o terreno ideal da pintura e adquire novos contornos, materializandose surpreendentemente no nosso cotidiano. German Lorca buscou uma linguagem moderna para a fotografia unicamente pelo exercício de visão."

Cultura, Estadão, 2012.





## **VERA CHAVES BARCELLOS**

Porto Alegre, RS, 1938 Vive e trabalha em Porto Alegre, RS

#### Sobre seu trabalho

É artista multimídia, gravadora, professora e, desde 2005, dirige a Fundação Vera Chaves Barcellos. Em seus trabalhos, associa suas fotografias a outros materiais e linguagens, criando novas possibilidades expressivas na criação das imagens. Na série "Ciclos" (1974), transporta a fotografia para a gravura e discute o distanciamento entre o homem e o ambiente natural.

"Ciclo é uma das primeiras obras em que utilizei a fotografia, ainda de forma gráfica, passando-a à serigrafia. Em forma de portafoglio, Ciclo é formado por textos introdutórios e uma sequência de 20 imagens que configuram a natureza e a ação do homem sobre ela, assim como a posterior ação do tempo sobre as obras humanas, uma espécie de retomada da natureza sobre a interferências do homem sobre ela."











































#### **ALICE YAMAMURA**

Paranavaí, PR, 1954 Curitiba, PR, 2008

#### Sobre seu trabalho

A artista tem como principal técnica de trabalho a escultura em cerâmica. Para a crítica de arte Adalice Araújo, Alice Yamamura "impõe-se como uma das mais criativas ceramistas paranaenses".

"O conjunto da obra de Alice caracteriza-se pela simplicidade e pelo domínio das técnicas artesanais. Entre os diversos materiais retrabalhados por ela, o barro foi o privilegiado. A partir do processo cerâmico, ela foi capaz de transformar cada um dos seus trabalhos em peças sofisticadas, carregadas de história e significação."

Gazeta do Povo, 2019



# Atividade

Pensando nas influências do nosso consumo de produtos industrializados e inspirados pelo trabalho de Eduardo Freitas, propomos como atividade um estudo artístico-científico

## Proponha aos alunos:

Ao caminhar pelas ruas, encontre um objeto que foi descartado incorretamente e tire uma foto de como ele foi encontrado. Em seguida, jogue-o no lixo apropriado e leve a foto para a sala de aula.

Utilizando a ficha técnica a seguir, faça um desenho de como esse objeto foi encontrado.

Preencha os demais itens dessa ficha de maneira criativa.

Descrição:	Local encontrado:	Maneira correta de descarte:	Sobre as funções deste produto:	Possíveis maneiras para não utilizarmos esta embalagem ou objeto:	
					objeto:
					aleta de cores do objeto:

# Glossário

**Alegoria:** figura de linguagem ou interpretação que consiste em representar pensamentos e ideias de forma figurativa.

**Antropoceno:** definição da geologia, na qual o período atual, também chamado de "Era da Humanidade", tem a ação humana como definidora do funcionamento global.

**Cânone:** conjunto de regras ou padrões sobre determinado assunto.

Colonialismo: forma de imposição de autoridade de uma cultura sobre outra.

Colonialidade do saber: um padrão do poder estrutural, em que o conhecimento compartilhado serve a uma ordem eurocentrada.

**Cosmovisão:** modo de olhar o mundo, conjunto de ideias sobre um contexto maior.

**Determinismo biológico:** crença de que genética e etnia determinam capacidades físicas e psicológicas do indivíduo.

**Distopia:** o contrário da utopia. Situação imaginária em que se vive em condição de extrema opressão.

**Estereótipo:** ideia classificatória preconcebida sobre alguém ou algo, resultante de expectativas ou falsas generalizações.

**Estrutura patriarcal:** sistema social em que funções de poder, autoridade e privilégios se concentram em figuras masculinas.

**Geopolíticas colonizadoras:** utilização de poderes políticos para a dominação de um território ou país.

**Kitsch:** termo alemão para uma categoria estética de cultura de massa. Pode ter um sentido pejorativo e ser traduzido como brega ou cafona.

Land art: corrente artística surgida no final da década de 1960, que utilizava do meio ambiente, de espaços e recursos naturais para realizar suas obras.

**Oxalufan:** divindade africana cultuada no Brasil por todas as religiões afro-brasileiras.

**Sambaquis:** depósitos de conchas, material orgânico e calcário construídos pelo homem, entre 8 mil e 2 mil anos atrás.

**Taxonomia:** estudo científico responsável pela classificação sistemática das coisas em categorias.

**Trop-pop-camp-clichê:** Mistura de uma visualidade tropical brasileira com o pop norte-americano, elementos do camp e clichês spbre nossa identidade.

**Vernacular:** referente a características regionais, desprovidas de estrangeirismos.

# Ocupe o MAC-PR

### **PARA SUA TURMA**

Agende uma visita mediada no MAC-PR pelo email educativomac@secc.pr.gov.br ou pelo telefone (41) 3323-5265.

## PARA SUA FORMAÇÃO

O MAC-PR realiza parceria com a Rede Municipal de Ensino (RME) de Curitiba, a Permanência em Artes, que acontece a cada dois meses na última quarta-feira do mês. As formações acontecem em dois períodos e são abertas à comunidade. Fique atento à nossa programação nas redes sociais do MAC-PR.

#### FICHA TÉCNICA

#### Realização

Museu de Arte Contemporânea do Paraná

#### Direção

Ana Rocha

#### Pesquisa e redação

**Setor Educativo MAC-PR** 

Lucia Venturin de Matos Maria Aparecida de Lima Gonçalves Giovana Vespa Oriana Di Monaco Dhulia Yasmim Oliveira Leão

#### Revisão

Marjure Kosugi

#### **Design Gráfico**

Paulo Zottino

